

Prefácio

ANTÓNIO CUSTÓDIO GONÇALVES

Iniciados em 1998, e promovidos pela Faculdade de Letras e pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, no âmbito da Unidade de I & D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, os Colóquios Internacionais sobre “Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana” tornaram-se um importante momento de reflexão científica e de diálogo multicultural entre especialistas das diversas ciências sociais e humanas. Realizaram-se já os seguintes Colóquios:

I - “Identidades, Poderes e Etnicidades na História da África Austral” - 1998

II - Identidades, Poderes e Etnicidades na África subsariana: poderes, etnicidades e conflitualidade em Angola e na Guiné-Bissau - 1999

III - Identidades, Poderes e Etnicidades na África Subsariana: Estado, língua e sociedade na África subsariana - 2000

IV - Multiculturalismo, Poderes e Etnicidades na África Subsariana, integrado nas Comemorações do Porto 2001, Capital Europeia da Cultura - 2001

V - “Globalização e Contextos Locais Na África Subsariana” – 2002

VI - “O Islão na África Subsariana” – 2003.

No âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela linha de investigação “Estados, Poderes e Identidades na África subsariana”, integrada na Unidade I & D, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, publicam-se as Actas do VI Colóquio Internacional “o Islão na África Subsariana”, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 8, 9 e 10 de Maio de 2003.

Seja-me permitido dirigir agradecimentos especiais:

Ao Senhor Prof. Adriano Moreira, Presidente do Conselho Nacional para a Avaliação do Ensino Superior, figura referencial das Ciências Sociais e Políticas e do Pensamento Português Contemporâneo. Agradeço, muito penhorado, a honra que nos deu de proferir a Conferência Inaugural deste Colóquio;

Ao Senhor Dr. Abdul Rehman Mangá - Presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto, também em representação do Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, Senhor Dr. Abdool Magid Vakil.

A análise de temáticas, tais como identidades políticas, sociais e culturais, conflitualidades culturais, étnicas e religiosas, cidadanias, poderes e etnicidades, cooperação e desenvolvimento, produção cultural e novos mercados, políticas contra as pilhagens do património de África, por antropólogos, economistas, historiadores, linguistas, politólogos e sociólogos, especialistas em estudos africanos, foi importante, sobretudo pelo questionamento de algumas visões eurocêntricas do desenvolvimento em África e pelas rupturas metodológicas nas trajectórias e encruzilhadas de modelos conceptuais e teóricos.

A importância e a actualidade deste VI Colóquio foram manifestas, não apenas pela participação de reputados especialistas nacionais e estrangeiros em estudos africanos e em islamologia, como também pela análise crítica e ampla discussão científica. O dinamismo científico e o espírito de convivialidade têm constituído as características dominantes destes Colóquios. É a tradição de uma comunidade participativa, fundada na continuidade, na renovação e na abertura do diálogo, no confronto de perspectivas teóricas e metodológicas diversificadas.

Nas comunicações apresentadas neste Colóquio entrecruzaram-se duas perspectivas teóricas. A primeira assentou na ideia de que o mundo contemporâneo se encontra num processo de homogeneização económica e cultural, ancorada, já não em lutas de classes ou de territórios, mas em lutas de identidades que se concretizam no aumento de conflitos étnicos e religiosos. Assim, e neste contexto, os fundamentalismos culturais e religiosos exploram o sub-desenvolvimento, o desemprego, a pobreza e as desigualdades sociais. É nesta perspectiva que Samuel Huntington concebe os conflitos maiores do século XXI, centrados na oposição "the West and the Rest", ou seja, entre a civilização ocidental e os mundos islâmicos e confucionistas. Trata-se, como é evidente, de uma perspectiva redutora, pois ignora ou minimiza os grandes conflitos étnicos e religiosos, nomeadamente em África.

A segunda perspectiva acentuou a necessidade de repensar e realçar a distinção entre a vertente universalizante da modernidade e o isolamento das sociedades tradicionais, das comunidades rurais e das minorais étnicas culturais.

Assiste-se, hoje, a um processo de homogeneização, ligado a movimentos de mestiçagens culturais e religiosas, a inter-relações generalizadas com trajectos muito diversificados e uma história já longa de contactos de culturas, com afrontamentos e interações, manifestas sobretudo no tempo das missões cristãs e das contra-missões que aquelas suscitaram. Este processo de interacção de culturas e religiões escapa, por vezes, ao poder dos Estados, enquadrando-se nos fenómenos de globalização. A expansão do Islão é disso um exemplo paradigmático.

Estas mutações colocam novos questionamentos à construção da cidadania e à gestão da democracia, ou seja, uma gestão, tanto mais ampla quanto possível, da diversidade, do reconhecimento dos outros e da alteridade. Ora, uma das características fundamentais desse conhecimento reside no diálogo com as outras religiões e culturas. Este diálogo é criador, no sentido de que integra grupos e movimentos regionais, religiosos, étnicos, linguísticos, de género e de movimentos a favor dos direitos humanos e da defesa da paz.

Hoje o centro único, integrador e hierarquizado á volta de um valor dominante que dava a sua legitimidade axiológica aos valores específicos, foi substituído por centros múltiplos, compósitos e efémeros, em que as fracturas sociais são cada vez mais desestruturantes e nas quais é evidente a subjugação das identidades culturais às leis do mercado.

Este Colóquio procurou ultrapassar o quadro "objectivista e essencialista" das definições estáticas e analisar, antes de mais, a centralidade das estratégias sociais e culturais, contrariando lógicas lineares, positivistas e tecnocratas das estratégias económicas; e analisar, igualmente, o confronto com a globalização e a multiculturalidade, ou seja, os movimentos reversíveis entre os particularismos da cultura religiosa e os valores universais da modernidade.

Três objectivos ou grandes eixos de reflexão pluridisciplinar atravessaram este Colóquio:

O primeiro referiu-se ao confronto com as mudanças culturais num mundo globalizado e individualizado que agudiza as rupturas sociais. Para minimizar os efeitos culturalmente totalizantes da globalização nos domínios das culturas e sociedades religiosas, tornou-se necessária a análise comparada dos sistemas normativos dos valores africanos, na conjugação da tradição e da modernidade.

O segundo convocou a temática da gestão da diversidade religiosa e da construção da cidadania que assegure a autonomia e o respeito pela diferença, pela alteridade, perante fenómenos avassaladores de burocratização, de fundamentalismos e de indústrias culturais e mediáticas que podem coarctar os direitos fundamentais e os princípios da igualdade. Neste contexto, torna-se imperioso o diálogo, não imposto mas proposto, e o caminho da tolerância sentida e vivida, certamente através de respostas múltiplas, divergentes e cruzadas.

O terceiro objectivo salientou o desafio histórico para a Europa que o Islão constitui. Donde a necessidade do reforço de novas configurações de solidariedades, na luta enérgica e sinérgica contra a exclusão, o racismo e a xenofobia, pela implementação de modelos de cooperação científica e cultural.

Desejamos que estas solidariedades, para lá das fronteiras nacionais, políticas ou ideológicas, sejam um marco privilegiado no aprofundamento do diálogo entre Portugal e África, nomeadamente nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, pela singularidade que os constitui e pela universalidade que os relativiza. Assim, este Colóquio pretendeu fazer uma análise profunda e transversal da diversidade de opiniões e dos olhares cruzados e plurais, com reflexões inovadoras e críticas sobre o passado e novos olhares sobre os desafios do presente e do futuro.